

Mestre em Moda, Cultura e Arte (Centro Universitário Senac), especialista em Moda, Arte e Cultura (Universidade Anhembi Morumbi) e graduada em Comunicação Social pela UFRJ. Docente do Centro Universitário UNA-BH e pesquisadora em História da Moda.  
E-mail: marianacftr@hotmail.com

# Alcebiades... de Assis: uma análise machadiana sobre o vestuário masculino moderno

*Alcebiades: an analysis of the  
sartorial modern man from  
Machado de Assis's point of view*

[ 99 ]

[resumo] O arguto espírito de observação de Machado de Assis transparece em seu conto *Uma visita de Alcebiades* que faz uma crítica à moda oitocentista. A partir deste conto é feita uma breve análise histórica do vestuário masculino do século XIX, considerando sua estratégia de posicionamento social e a expressão da identidade burguesa, respaldada nos atributos de sobriedade, seriedade e profissionalismo. O texto é construído dialogando com os parâmetros machadianos, que opõem a estética do vestuário grego impregnada de valores filosóficos ligados à expressão do indivíduo ao imaginário do vestuário burguês moderno.

## [ palavras-chave ]

moda; século XIX; literatura;  
Machado de Assis.

[abstract] Machado de Assis strong sense of observation is noted in his short story *Uma visita de Alcebiades*, where he criticizes the nineteenth century's fashion. By using this story we can do a short historical analysis about nineteenth century men's fashion considering his positioning social strategy and the expression of a bourgeois identity based on attributes of sobriety, simplicity and professionalism. The text is constructed with Machado's settings, opposing the Greek aesthetic on clothes impregnated with philosophical values connected to the expression of the self, to the modern bourgeois sartorial imaginary.

[key words] fashion; XIX century; literature; Machado de Assis.

Machado de Assis no conto *Uma visita de Alcebiades*<sup>1</sup> fez uma narrativa sobre os costumes estéticos da sociedade moderna, elaborando uma reflexão entre as aparentes verdades de duas épocas distintas. Coloca frente a frente dois personagens, distanciados no espaço e no tempo, que irão defender com tenacidade as suas épocas: um desembargador fluminense do século XIX e Alcebiades que viveu no século V a.C. Sim. Trata-se do mesmo Alcebiades da Grécia Antiga, o pupilo de Sócrates, o general do exército ateniense. O belo, bravo e desejado Alcebiades.

Machado traz Alcebiades de volta, séculos após a sua morte, fazendo-o aparecer em suas páginas, belo e vaidoso como antes. A pedido do Desembargador X, um narrador machadiano que como outras históricas personagens do panteão do autor se rivaliza com ele em perspicácia crítica, Alcebiades foi convocado a vir do mundo dos mortos para dar sua opinião acerca do vestuário masculino moderno, também adotado pelos oitocentistas brasileiros. E isso não foi por acaso. O desembargador, devoto dos gregos, admirava-se do famoso general, "o mais guapo dos atenienses", um homem que com "fineza e donaire" regia "batalhas, cidadãos, e os próprios sentidos" (ASSIS, 2004, p. 352) e, ao fazer hora para ir a um baile do Cassino Fluminense, filosofando com um livro de Plutarco nas mãos, não se fez de rogado: "Que impressão daria ao ilustre ateniense o nosso vestuário moderno?" Já que era um "espiritista desde alguns meses" (ASSIS, 2004, p. 352), desde que resolvera adotar o mais "recreativo" dos sistemas, não titubeou em pedir a presença de Alcebiades para que pudessem conversar... "Que me queres?" (ASSIS, 2004, p. 353). E eis que o ateniense se faz presente.

Pouca conversa foi necessária. O Alcebiades de Assis logo se mostrou interessado no vestuário moderno, quando viu que só dessa maneira poderia acompanhar o Desembargador X ao dito baile. A sua própria roupa, uma túnica que lhe cobria o corpo com simplicidade mas que pouco fazia para esconder e subjugar a reconhecida beleza do rapaz – que o narrador machadiano reconhecia como "gamenho (...) tão gamenho como outrora" (ASSIS, 2004, p. 354) –, não servia, pois, aos de então, aos modernos: "imaginarão que és um doudo ou um comediante" (ASSIS, 2004, p. 355).

E, provavelmente considerando que usar uma roupa moderna não seria nenhuma proeza diante das inúmeras batalhas que já havia enfrentado, o Alcebiades de Assis tranquilizou o narrador: "Que tem? A roupa muda-se. Irei à maneira do século" (ASSIS, 2004, p. 355). Ah, mas nem mesmo os grandes do passado podem compreender todo tipo de futuro. E vice-versa.

O Desembargador X, ao levantar-se de sua poltrona para atender a solicitação de seu visitante, logo reparou nos olhos arregalados do ateniense, em sua boca aberta, e tal espanto por causa de uns "canudos de pano" (ASSIS, 2004, p. 356). Alcebiades de Assis não entendia por que os homens daquele novo tempo haviam trocado a leveza, a elegância dos trajes de outrora, do legado grego que tão bem relacionava o corpo e o mundo, por aqueles canudos, ainda por cima negros, tristes... O Desembargador X imediatamente explicou que "por maior comodidade (...) o nosso século, mais recatado e útil do que artista, determinara trajar de um modo mais compatível com

o seu decoro e gravidade" (ASSIS, 2004, p. 356). Se já soubesse, poderia ter acrescentado que tal forma de vestir seria analisada, pesquisada e também chamada de "a grande renúncia masculina" (FLÜGEL, 1950, p. 110-111)<sup>2</sup>. Poderia ter explicado que a necessidade de demonstrar decoro e gravidade fazia parte de toda uma estratégia burguesa de inserção social, de uma civilização com valores diferentes da grega, e que, mesmo assim, volta e meia recorria a ela como fonte de inspiração, como se os próprios argumentos utilizados pelo presente não aguentassem uma verificação de sentido mais profunda.

"Feia, mas séria", ratificou ainda o Desembargador X a escolha moderna pela cor negra, aviltado diante do "risinho em que o espanto vinha mesclado de escárnio" que Alcebiades lhe dirigia. Ele próprio tinha seus preconceitos diante das formas do seu contemporâneo "dignos de crítica, e até de execração", mas para não dar o braço a torcer para o grego, foi logo complementando: "Olha, entretanto, a graça do corte, vê como cai sobre o sapato, que é de verniz, embora preto, e trabalhado com muita perfeição" (ASSIS, 2004, p. 356).

Detalhes do vestir que faziam (e ainda fazem) a diferença. Não apenas de negro ou cinzento os homens modernos se trajavam, mas de detalhes, a prova da capacidade masculina de renovação e que mostrava que estes não haviam renunciado de maneira tão drástica aos valores e prazeres da moda (BREWARD, 1999). Detalhes<sup>3</sup> que se esforçavam para apontar as diferenças sociais entre os diversos grupos que então habitavam as cidades, local da mistura entre anônimos e desconhecidos, onde o vestuário não era mais um aspecto diferenciador tão direto como nas sociedades antigas. É por isso que o Desembargador X chama atenção para o corte de suas roupas, para o material de seus sapatos. Outros aspectos poderiam ter sido abordados: a variação delicada entre as formas; a gradação de formalidade necessária ao vestuário do homem de bem; os tecidos usados para os casacos matinais, que não se assemelhavam àqueles cujo uso se destinava às horas da tarde, e os apropriados para a noite. As texturas variadas das camisas, todas brancas, mas de linho – lisas ou bordadas –, de musselina, de percal francês, de morim<sup>4</sup>.

Na segunda metade do século XIX, as vestimentas masculinas tinham definitivamente abandonado as cores e os bordados característicos do vestuário do Antigo Regime e até mesmo as fantasias coloridas das calças xadrezes, dos coletes e gravatas de cor que fizeram a moda dos românticos. Um vestuário circunspeto, considerado correto nas combinações de tecidos, nos modelos adequados para cada hora do dia, era "uma das mais significantes expressões de caráter e sustentava uma íntima relação com os modos e a moral" (BREWARD, 1999, p. 41) de um homem. Segundo Fox, em seu guia para os elementos do guarda-roupa masculino, publicado em 1872, citado pelo historiador de moda inglês Christopher Beward, "é universalmente admitido que nada marca mais um cavaleiro que o seu estilo de roupas. A elegância, propriedade e o bom gosto que são conspícuos [ao estilo] imediatamente criam uma boa impressão a seu favor" (1999, p. 41).

Se o Alcebiades de Assis ficou intrigado com os "canudos pretos", mais aflição lhe causou o estreito pedaço de tecido que o Desembargador X quase colocou ao redor do pescoço: "Desgraçado! bradou ele..." (ASSIS, 2004, p. 356), deixando seu anfitrião atônito, sem entender tamanho furor. Mas a alteridade nunca é simples. Alcebiades viu naquele fino pedaço de tecido uma arma apropriada para o Desembargador se enforcar e não um acessório amplamente adotado pelo homem moderno, que apenas lhe cingiria o pescoço, destacando o seu rosto, fazendo-o se aproximar da imagem de rigidez e seriedade tão almejadas pelas identidades masculinas oitocentistas. O Desembargador X riu e explicou ao grego – cujas ideias de elegância, propriedade e valor pessoal estavam muito mais ligadas aos esforços individuais para a compreensão e convivência da natureza humana que aos padronizados sinais exteriores – "o uso da

gravata"; notando "que era branca, não preta" (ASSIS, 2004, p. 356); chamando então a atenção para o detalhe de que não só de preto vestiam-se os modernos, mas que pequenos laivos de luz inseriam-se em suas roupas.

Gravatas brancas, lenços de cor – embora os pretos fossem muito bem-aceitos –, abotoaduras e alfinetes de ouro, de brilhantes, de pedras preciosas, relógios de ouro com caixas e correntes elaboradamente trabalhadas, sinetes. Cada um desses itens, além de introduzir pontos iluminados no vestuário, também variavam em estilo, reforçando o status, reafirmando a dignidade de seu dono, diferenciando-o das massas de trabalhadores que disputavam o espaço urbano com as elites. "Coisas do século", podia ter dito o Desembargador, explicando que nas cidades – até mesmo nas brasileiras – as oportunidades de sobrevivência e a mobilidade social eram maiores. Daí a necessidade de signos externos definidores e exemplificadores das diferenças. Assim como havia dito a Alcebiades que o vestuário moderno "era belo à nossa maneira" (ASSIS, 2004, p. 356), podia ter argumentado que esse século que vestia tão funebremente seus homens era também fértil em oportunidades de enriquecimento, de desenvolvimento tecnológico, e cientificista. Não era um século muito filosófico, mas o legado da racionalidade grega, ali, fizera toda a diferença: na maneira de pautar a vida, na aceitação da natureza própria ao homem e no distanciamento da importância das mitologias. Na valorização da razão e no incentivo ao indivíduo, o século XIX havia se distanciado de todos os outros. E por que os homens, os donos desse século tão distinto, não adotariam um vestuário que os distinguissem dos demais? Seria uma constatação clara desse tempo, inigualável em desenvolvimento.

Mas entender o outro requer um esforço e uma imersão em sua filosofia. O Alcebiades de Assis não se deixou convencer pelos argumentos metodológicos do Desembargador X:

Por Afrodita! exclamou ele. És a cousa mais singular que jamais vi na vida ou na morte. Estás todo cor da noite com três estrelas apenas – continuou apontando para os botões do peito. O mundo deve andar imensamente melancólico, se escolheu para uso uma cor tão morta e triste. Nós éramos mais alegres; vivíamos... (ASSIS, 2004, p. 356-357)

Como explicar que os oitocentistas também viviam? Que dispunham de diversão como os teatros e as óperas, os concertos, as feiras, inclusive as férias? Que viajavam com conforto, podendo se deslocar de um continente a outro em apenas poucos dias? Que tinham livros à escolha, podendo tanto ler as ideias dos gregos antigos como as novelas de Balzac? Que no próprio Brasil, país tão recente, havia escritores afamados, de romances, crônicas e contos, modalidades literárias desconhecidas pelos gregos clássicos? Que apenas era outro tipo de vida, menos calcada na sabedoria da convivência entre os homens e mais apoiada em signos adquiridos?

Como explicar para o grego que no universo do século XIX havia se consolidado uma atividade de diversão inigualável: o consumo? O Desembargador X poderia ter informado que o

consumo fazia tudo diferente, que as pessoas tinham acesso a objetos dos diversos cantos do mundo, tinham acesso a experiências novas, tinham a possibilidade – através da propriedade de simples objetos – de construir histórias pessoais, expressar identidades. Que os objetos e experiências tinham o poder de traduzir a riqueza de algumas pessoas em possessões, cujo objetivo era mostrar seu elevado valor pessoal a outras, aos outros.

É certo que para o consumo ser uma diversão, os membros do século precisavam ter o poder econômico que lhes permitissem ir além das necessidades de alimentação, de moradia, porém, aos poucos, o consumo ia se alastrando por todas as classes, oferecendo produtos – que se não fossem originais, pelo menos eram similares. E que a roupa era um produto cujo sentido ia além do cobrir o corpo, que permitia trocas simbólicas, em que a busca de novidades que tão bem definiu o século se tornara facilmente alimentada pela contínua introdução dos artigos da moda. Explicar as mudanças da moda para o Alcebiades de Assis já seria um esforço e tanto para o Desembargador X, pois, para o ateniense, o vestuário tinha uma significação definida por critérios de tradição, de ancestralidade, e permitia a exibição do homem e seu corpo em toda a sua glória. Era apropriado ao clima das regiões e, em geral, suas formas pouco haviam mudado nos séculos da cultura grega.

O Rio de Janeiro de 1875 já possuía seu clima tropical agravado pelas construções desordenadas do centro, local das fervilhantes atividades da cidade. Portanto, além de já achar estranhas as roupas do Desembargador X, Alcebiades ficou mais consternado quando o viu colocar sua casaca: "caíram-lhe os braços, ficou sufocado, não podia articular nada, tinha os olhos cravados em mim, grandes, abertos (...) Estás completo? perguntou-me ele" (ASSIS, 2004, p. 357).

Não. O desembargador informou-lhe que ainda faltava o chapéu. Esta peça e a bengala complementavam o vestuário masculino, imprescindíveis como símbolos de elegância. Não importava muito que os chapéus escuros fossem inapropriados para o clima do Rio de Janeiro, o que também acontecia com as cores escuras, o excesso de peças e os tecidos de lã dos trajes masculinos. Mas esses inconvenientes faziam parte do estereótipo do bom-tom, assim como a bengala, objeto de pura decoração que permitia exibir castões de marfim, prata ou ouro, raras e preciosas madeiras, ou seja, outros signos de diferenciação e ostentação de posições pecuniárias e sociais. Foi quando Alcebiades disse já exasperado:

Oh! Venha alguma coisa que possa corrigir o resto! tornou Alcebiades com voz suplicante. Venha, venha. Assim pois, toda a elegância que vos legamos está reduzida a um par de canudos fechados e outro par de canudos abertos (e dizia isto levantando-me as abas da casaca), e tudo dessa cor enfadonha e negativa? Não posso crê-lo! Venha alguma cousa que corrija isso. O que é que falta, dize tu? (ASSIS, 2004, p. 357)

Pobre homem! Quando o Desembargador X atendeu ao seu pedido, "Alcebiades olhou para mim, cambaleou e caiu" (ASSIS, 2004, p. 357). Havia sido demais. O condecorado guerreiro "estava morto, morto, pela segunda vez" (ASSIS, 2004, p. 357). De nada havia valido a sua boa vontade em compreender o vestuário moderno. E ele só viu o trajar masculino. Qual seria sua reação ao testemunhar o trajar feminino? Só nos resta esperar por um novo Machado e um outro Alcebiades de Assis.

## NOTAS

[1] Este conto é datado pelo autor de 1875 e foi publicado no livro *Papéis avulsos* em 1882. Machado inseriu a seguinte nota ao final do texto: "Este escrito teve um primeiro texto, que reformei totalmente mais tarde, não aproveitando mais que a idéia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido" (ASSIS, 2004).

[2] Flügel escreveu *The psychology of clothes* em 1930. Vale conferir o trecho em que resume sua análise sobre o vestuário masculino desde o século XIX e que inspirou os posteriores estudos sobre esse vestuário, relegando-o a uma posição apenas funcional: "(...) do ponto de vista da diferença de vestuário entre os sexos (...) pode-se dizer que os homens sofreram uma grande derrota e uma repentina redução das variáveis decorativas em seu vestuário, o que aconteceu no fim do século XVIII. Por esta época aconteceu um dos eventos mais memoráveis em toda a história da moda (...): os homens abriram mão de seu direito ao brilho, à alegria, às mais elaboradas e variadas formas de ornamentação, deixando-as inteiramente para o uso feminino, e desta forma tornando seu próprio vestuário a mais austera e ascética das artes. Considerando os usos do vestir, este evento tem certamente o direito de ser considerado como 'A grande renúncia masculina'. O homem abandonou seu direito de ser considerado belo. Doravante ele espera apenas ser funcional" (1950, p. 110-111, tradução nossa).

[3] Ver sobre este assunto a obra de Christopher Beward (1999).

[4] Esses itens constam da lista de tecidos oferecidos pelo estabelecimento de Pereira da Cruz, "Fasendas e Modas", sito à Rua da Assembléia, 110 – Rio de Janeiro, impresso na partitura promocional da Polka Habanera. Sem data. Acervo digital Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_musica/mas194679/mas194679.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_musica/mas194679/mas194679.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2009.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. Uma visita de Alcebiades. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v. 2.

BREWARD, Christopher. *The hidden consumer*. Manchester: Manchester University Press, 1999.

FLÜGEL, J. C. *The psychology of clothes*. Londres: The Hogarth Press, 1950.